

O EU do Analista Resiste

M^a Adriana Chaves Remígio

Trabalho apresentado na **X Jornada Freud-Lacaniana**, 05 e 06 de novembro de 2004

"Entro, como todo o mundo, neste sonho que se chama a realidade, nos discursos de que faço parte e entre os quais tento abrir a via ao discurso analítico. É um esforço muito penoso."(Lacan, R.S.I.,lição 11-1-75)

Lacan em *Variantes do Tratamento Padrão* tece um comentário crítico sobre alguns teóricos da psicanálise que situam a relação analítica como uma relação de um eu com outro eu. Nesta formulação o analista deve apoiar-se na parte sadia do EU do analisando para ganhar da 'má'. A experiência analítica se tornaria uma bipartição constante do Eu. Pega-se o Eu, corta-se em dois, apóia-se na parte boa, ganha-se da má, e então torna-se a cortar... , procedendo assim ad infinitum,levamos o analisando a se identificar com nosso próprio eu.

O término de análise seria a identificação do sujeito com o Eu do analista. Subjaz aí a fantasia de que o analista pode introduzir valores positivos no eu do sujeito.O analista simplesmente se oferece como aquele que sabe o que a realidade deve ser e que leva o sujeito a se situar no mesmo nível de realidade.

Os analistas esquecem do último julgamento proferido por Freud: o analista geralmente não atinge, em sua própria personalidade, o grau de normalidade a que gostaria de fazer seus pacientes chegarem. (*Análise Terminável e Análise Interminável*,p.281)

O tratamento converte-se numa tentativa de doutrinação que tem por conseqüência o esmagamento da dimensão própria do desejo. O analista termina por comunicar ao analisando um saber preconcebido ou advindo de uma intuição imediata. Atua submetido à organização de seu próprio Eu.

Este argumento só pode prosseguir para aqueles que consideram o Eu o núcleo do ser.E esquecem que o sujeito do inconsciente é desconhecido do Eu, não reconhecido pelo EU.

Tudo que Freud escreveu, sobretudo a partir de 1920, tinha por meta restabelecer a perspectiva da excentricidade do sujeito em relação ao eu.

Qual deve ser o lugar do Eu do analista?

Onde deve incidir a ação do analista?

Qual é o ponto do sujeito a que ele deve visar?

Lacan retoma a questão da contratransferência, referida a momentos de incompreensão por parte do analista, que o obrigaria a passar a um outro modo de comunicação, comunicação de inconsciente a inconsciente, usando, então, um outro instrumento em sua maneira de se situar na análise do sujeito.

Em primeiro lugar,o termo contra transferência não procede. Não se trata de compreender ou não compreender. O analista deve sempre pôr em dúvida aquilo que compreende e tentar alcançar o lugar da não-compreensão.

Mais vale não compreender para pensar. O escutar, diz Lacan, não me força a compreender. (Direção do Tratamento)

"Que seja para além do discurso que se acomoda nossa escuta, sei disso melhor do que ninguém, quando simplesmente tomo o caminho de ouvir, e não de auscultar. Sim, isso mesmo não de auscultar a resistência, a tensão, a palidez, a descarga de adrenalina."(id.ibid,p.622) Pois esta visada por parte do analista termina levando ao fortalecimento do Eu.

O EU do analista resiste

O que se chama contratransferência é um efeito legítimo da transferência.A implicação necessária do analista na situação transferencial. É aí que se coloca a questão do desejo do analista e, até certo ponto, de sua responsabilidade.

È na medida que ele sabe o que é o desejo, mas não sabe o que deseja o analisando, que ele, o analista, é capaz de ocupar a posição de ter em si, deste desejo, o objeto a. (Sem VIII, pg 195).O analista faz semblante de objeto a, sabendo que não é o próprio objeto de seu analisando.

Ferenczi, preocupado com questões sobre o ser do analista, no seu artigo *A Elasticidade Psicanalítica*, considera o narcisismo como aquilo que o analista tem que vencer em si mesmo. E

O EU do Analista Resiste

M^a Adriana Chaves Remígio

Trabalho apresentado na **X Jornada Freud-Lacaniana**, 05 e 06 de novembro de 2004 visando a ordem da subjetividade que a pessoa do analista tem que realizar em si sugere: redução da equação pessoal, não se colocar no lugar do saber, influência sem imposição...Pergunta-se qual o fio que tece cada uma destas instruções e une uma à outra: não é o eu do analista que deve se apagar para dar lugar ao não-sujeito da interpretação? Não é a análise pessoal do analista e especialmente seu fim? (Variantes,p.343)

"Onde fica o fim da análise no que concerne ao eu? Como sabê-lo , desconhecendo a função dele na ação mesma da psicanálise?"(id.ibid.)

Lacan recorre à crítica da Análise do Caráter de Reich para se aproximar da questão.Este autor traça uma objetivação de tipos de caráter, tais como: "fálico-narcísico", "masoquista", "histérico", "compulsivo".

A psicanálise não trabalha com caráter, nem com a personalidade.Como sabemos, a personalidade é uma ilusão, superstição .O analista não deve dirigir-se ao sujeito constituído, objetivado, no lugar do pequeno outro, e sim ao sujeito cindido, evanescente, que está sempre por se constituir. É pelo fato de não tomarmos o inconsciente como constituído, e sim como estruturado como linguagem, que podemos esperar algo do tratamento analítico, uma transformação por efeito da palavra.

A estrutura do inconsciente proíbe qualquer recurso ao já sabido.Não pode existir interpretação pré-concebida, por que o inconsciente não existe lá com seus conteúdos em algum lugar.

O sujeito do inconsciente é indeterminado.O significante representa o sujeito para um outro significante.Definição que põe fim a toda substancialização do sujeito, que este só existe no movimento de desaparecimento pelo qual se manifesta.

Retornando à Freud ,desvendamos o caráter ilusório do EU, encontrando, assim a via que levou Lacan à fase do espelho:

Em *Introdução ao Narcisismo* ele diz: "o ego não pode existir no indivíduo desde o começo.O ego tem que ser desenvolvido"(p.93) As pulsões existem desde o início,sendo, portanto , necessário que algo seja adicionado ao auto- erotismo-"uma nova ação psíquica- a fim de provocar o narcisismo"(id.ibid.)

Continuando em *Ego e o Id* Freud refere: "...quanto ao ego Cs: que ele é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal"(O Ego e o Id,p.41) "...não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície, projeção mental da superfície do corpo"(id.ibid.,p.40)

Em *Além do Princípio do Prazer*: "O inconsciente, ou seja, o recaiado, não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento".(p.32) A resistência pode ser inconsciente, mas se origina do ego. O sujeito tem dificuldade de dizer o que ele tem para dizer, devido à interposição de um discurso no qual o eu se constituiu.

O sujeito é efeito do discurso do Outro.O desejo do homem, portanto, se aliena no desejo do Outro. O desejo é o desejo de fazer seu desejo ser reconhecido. Esse desejo estrutura as pulsões em sua fonte, sua direção e seu objeto.

O EU do analista resiste

A relação narcísica, na qual o Eu se funda, seria uma 2^a alienação através da qual o sujeito se constitui, forja sua unidade, numa identificação com a imagem do semelhante, do pequeno outro.

A agressividade que se presentifica na transferência e na resistência não está relacionada a uma luta vital.Ao contrário, a agressividade corresponde à dilaceração do sujeito em relação a si mesmo, ao captar a imagem do outro em sua totalidade. Imagem que se antecipa a sua desarmonia motora que, a partir de então, é concebida como imagens de despedaçamento.

O eu é mergulhado nesta miragem de plenitude, quando sua subjetividade só existe enquanto cindida.O eu é uma formação imaginária, derivada de uma dialética alienante, ingenuamente objetivada como função sintética.

A impotência própria do homem ao nascer termina sendo sua doença fecunda, falha afortunada da vida, onde o homem ao se apartar de sua essência, descobre sua ex-sistência.Perde a essência quando não é mais um 'sujeito' da necessidade e sim do desejo que está sempre por

O EU do Analista Resiste

M^a Adriana Chaves Remígio

Trabalho apresentado na **X Jornada Freud-Lacaniana**, 05 e 06 de novembro de 2004
escapar. Deixa de ser para ex-sistir enquanto sujeito cindido, estruturado pela imagem do outro, pelo desejo do Outro.

Sua própria imagem só lhe é dada como imagem do outro, este é o toque de morte que recebe ao existir.

O eu é projeção de uma superfície em outra, e é justamente por isto que o analista deve evitar servir de espelho para seu analisando.

É por conta da pregnância visual que o Eu conserva das suas origens, que o analista deve ocupar um lugar na sessão que o torne invisível para o sujeito: o campo fica mais livre para o desfile regressivo das seduições, a imagem narcísica se produz de forma mais pura.

É no ponto focal do imaginário que o analisando tende ingenuamente a concentrar seu discurso.

O analista sabe que não lhe convém responder aos apelos, que o sujeito o faz ouvir nesse lugar, sob pena de ver ganhar corpo o amor transferencial, reforçando a vertente resistencial da transferência. Não responder à demanda, abre a seqüência de uma transferência, que se manifesta no material dos relatos dos sonhos, dos lapsos, dos atos falhos. Por outro lado, o analista sabe também que, conforme a carência de sua resposta, provocará no sujeito a agressividade ou até o ódio da transferência negativa.

No entanto, bem mais importante do que aquilo que responde o analista, é o lugar de onde responde.

O analista ao dirigir sua visada ao Eu do sujeito, nos traços de seu caráter, se faz presente com seu próprio Eu. Entra no jogo da convivência harmoniosa, onde a modelagem do analisando pelo seu Eu será apenas o álibi de seu narcisismo, o alimento de sua vaidade.

A relação analítica termina regida por uma concepção dualista, na medida que reforça a alienação estruturante do Eu.

Para retificar essa relação dualista deve-se recorrer à mediação da fala, concebível se supusermos, na relação imaginária, a presença de um 3º termo: o inconsciente, a relação simbólica.

Para que a análise possibilite o imaginário se realizar e a elaboração simbólica sobrevir, é preciso que o analista despoje a imagem narcísica de seu Eu de todas formas do desejo. "É por essa razão que é dito que a i(a) do analista deve se comportar como um morto". (Sem. Transf, p.189). "...deve haver nesse pequeno outro que está nele alguma coisa que seja capaz de jogar como morto". (id. ibid.) É enquanto EU que o analista deve ficar como morto, e não como sujeito implicado com o seu desejo. Jogar como morto não é ficar alheio, indiferente. Podemos querer bem ao nosso analisando, não podemos é querer o bem dele. Porque pensar que sabemos o que é o bem para ele, seria colocar o nosso EU como medida.

"O analista que quer o bem do sujeito repete aquilo em que ele foi formado, e até, ocasionalmente deformado. A mais aberrante educação nunca teve outro motivo senão o bem do sujeito" (Direção do Tratamento, p.625)

Este é o luto no qual se centra o desejo do analista. A inexistência de um Bem supremo comum a todos os sujeitos. Aceitação da ausência de medida comum entre os objetos do desejo. Não existe, no nível do objeto, nenhuma comunhão possível entre o psicanalista e seu paciente. O objeto é causa e não meta. É, portanto, incomensurável na causação do desejo.

O Eu inclui o que sabemos ou cremos saber, e para que a condição imaginária indicada acima se realize é necessário que todo saber objetivo seja mais e mais colocado em estado de suspensão.

Nosso juízo não deve se inclinar nem para um lado, nem para outro. "A regra da atenção flutuante implica uma escuta que não destaca nada em particular até que o surgimento de algo da ordem do inconsciente no desdobramento do discurso do analisando o permita". (Rabinovich, p.19)

O analista, como qualquer outro, nada pode saber sobre sua própria morte, a não ser que ele é um ser prometido à morte. Isto o leva a reduzir todos artifícios de seu Eu para chegar ao 'ser-para-a-morte'. Para que nenhum outro saber, quer imediato ou construído, possa ser transformado numa forma de poder.

O EU do Analista Resiste

M^a Adriana Chaves Remígio

Trabalho apresentado na **X Jornada Freud-Lacaniana**, 05 e 06 de novembro de 2004

O analista despojado de suas miragens narcísicas, não quererá nada que determine, pré-conceba, o lugar de onde falará ao sujeito.

O analista, como sublinhamos acima, não pode ficar verdadeiramente como morto, entregue à indeterminação de uma liberdade ou indiferença.

Chegamos, portanto, à pergunta:

O que deve saber, na análise, o analista?

Para responder a questão, Lacan retomar o conceito da douda ignorância.

A douda ignorância, o não-saber, não é uma negação do saber, é sua forma mais elaborada. É o abandono do saber da ciência inútil do eu(moi) no exercício mais específico de sua prática.

Se o analista acredita que sua tarefa é comunicar um saber ao analisando está equivocado. Sua posição é de não-saber, o que resultará na escuta do saber que o analisando transmitirá advindo de seu próprio inconsciente através da associação livre.

Quando mais nos identificamos ao nosso analisando, mais compreendemos, mais enredados estamos no nosso próprio narcisismo.

Assim escutamos menos, porque deixamos de lado a singularidade do Sujeito que nos endereça a sua fala, fascinados pelo Eu que nos olha, nos idealiza, e através do qual nos olhamos.

Nós analistas resistimos, quando conduzidos pelo nosso narcisismo, pelos nossos sentimentos, pelo nossos saberes pré- concebidos, perdemos as rédeas da direção do tratamento.

Referência Bibliográfica :

- Falcão, Ana Lúcia- Desejo do Analista
Freud,S- A Dinâmica da transferência-1912.Vol XII.Edição Standard Brasileira
Freud, S- Amor Transferencial-1915.Vol XII.Edição Standard Brasileira
Freud, S-Além do Princípio do Prazer-1920.VolXVII.Edição Standard Brasileira
Freud,S- Análise Terminável e Análise Interminável-1937.VolXXIII.Edição Standard Brasileira
Freud, S- Introdução ao Narcisismo-1914.Vol XIV.Edição Standard Brasileira
Freud,S-O Ego e o ID-1923.VolXIX. Edição Standard Brasileira
Lacan, J- A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder.In:Escritos, RJ, Jorge Zahar Editor, 1998
Lacan, J-Variantes do Tratamento.In:Escritos, RJ, Jorge Zahar Editor, 1998
Lacan, J-Sem I. Os Escritos Técnicos de Freud, 1953-1954, RJ,Jorge Zahar Editor, 1986.
Lacan, J- Sem II. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise,1954-1955, RJ, Jorge Zahar Editor, 1985.
Lacan,J- SemVIII. A Transferência,1960-1961, RJ, Jorge Zahar Editor,1992
Lacan,J –SemXI.Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise,1964,RJ,Jorge Zahar Editor, 1985
Rabinovich, Diana S-O Desejo do Psicanalista-liberdade e determinação em psicanálise-RJ, Companhia de Freud,2000
Safouan, M- A Transferência e o Desejo do Analista-Campinas,SP, Papirus,1991.